

## **Análise sobre as concepções de trabalho de campo e se o mesmo ainda apresenta relevância para a ciência geográfica**

*Analysis of the conceptions of fieldwork and whether it is still relevant to geographical science*

Isabela Barbosa Cesário Aguiar<sup>1</sup>  
Marco Aurélio Gordiano Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho de campo é utilizado pela ciência geográfica, pois permite aos geógrafos ir a campo para entender mais sobre os diferentes processos envolvidos, como por exemplo, em um deslizamento. Para isso, faz-se necessário entender o que é um trabalho de campo e como esse deve ser feito de forma adequada para coletar dados sem influenciar no processo e a forma de conseguir os mesmos, haja vista que pode ser uma pesquisa, e essa envolve pessoas e como pesquisadores é de nossa responsabilidade respeitar o direito alheio e não os expor. Além disso, a opção se ainda se é válido sua realização está intrinsecamente ligada com o esvaziamento e confusão de seu conceito. Logo, o intuito é esclarecer a nomenclatura e avaliar se ainda é válido realizar trabalho de campo.

**Palavras-chave:** Trabalho de Campo. Geógrafos. Geografia e concepções.

**Abstract:** Fieldwork is used in geographic science because it allows geographers to go into the field to understand more about the different processes involved, for example, in a landslide. For this, it is necessary to understand what fieldwork is and how it should be done properly to collect data without influencing the process and how to get the same, since it can be a research, and this involves people and as researchers it is our responsibility to respect the rights of others and not expose them. Besides, the option of whether it is still valid is intrinsically linked with the emptying and confusion of its concept. Therefore, the intention is to clarify the nomenclature and evaluate if it is still valid to carry out fieldwork.

**Keywords:** Fieldwork. Geographers. Geography and conceptions.

### **Introdução**

O presente ensaio visa investigar se o trabalho de campo é intrínseco à própria ciência geográfica e se o mesmo ainda é relevante. Haja vista que diversos geógrafos renomados como Alexander Von Humboldt e Aziz

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Viçosa. Bolsista de Residência Pedagógica. E-mail: isabela.aguiar@ufv.br.

<sup>2</sup> Professor de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Preceptor do Programa Residência Pedagógica. E-mail: marco.geoufv@gmail.com.

Ab'Saber utilizaram dessa ferramenta para criar conceitos que são utilizados até os dias de hoje. Também tem o intuito de verificar se nos dias atuais ainda se faz necessário existir trabalho de campo ou desconectá-lo da ciência geográfica, pois os geógrafos citados faziam o uso dessa ferramenta às vezes até sem perceber, pois a única forma de mensurar dados durante naquela época era ir a campo.

Ao compilar a visão de trabalho de campo de diferentes autores espera-se entender a definição do conceito, como esse é aplicado nas escolas e essa nomenclatura ganhou distorções com o passar dos anos.

## **Discussões**

O Trabalho de Campo é uma ferramenta da ciência geográfica que foi usada por diferentes geógrafos, haja vista o caráter de observação e descrição que a Geografia possui durante o Império Romano, às vezes utilizavam essa nomenclatura e outras se referiam a esse método como pesquisa exploratória. Um geógrafo naturalista que construiu seu nome explorando, analisando, mensurando e descrevendo a natureza foi Alexander Von Humboldt. Em seu livro “A invenção da natureza” ele relata como foi seu campo, sendo as dificuldades ao escalar a montanha mais alta conhecida até aquele momento e as transformações da natureza e da paisagem com o aumento da altitude. Ele descreve que “ a quase 5.200 metros acima do nível do mar, eles lutavam para respirar o ar rarefeito. Enquanto seguiam em frente, as pedras denteadas rasgavam as solas dos sapatos, e os pés dos homens começaram a sangrar” (Wulf, 2016, p. 16).

É fato que o Trabalho de Campo permitiu a Humboldt em 1802 vivenciar, descobrir e constatar diferentes observações que constituíram seu nome. Hoje seu caderno de campo é utilizado como referência para analisar as alterações que o ser humano proporcionou no espaço. Como a tantos metros de altitude no Chimborazo ele observou vegetação e atualmente já é possível verificar a presença de neve, outro exemplo de sua

genialidade foi a “invenção das isothermas – as linhas de temperatura e pressão que vemos nos atuais mapas meteorológicos – e também descobriu o Equador magnético. Propôs a ideia de zonas de vegetação e de clima que serpeia por todo o globo” (Wulf, 2016, p. 21).

Diante disso, através de seu relato é possível observar como o trabalho de campo o transformou “no topo do mundo, olhando para as cordilheiras que se dobravam abaixo dele, Humboldt começou a enxergar o mundo de uma maneira diferente. Viu a terra como um único e imenso organismo vivo no qual tudo estava conectado, e concebeu uma nova e ousada visão que ainda hoje influencia a forma como compreendemos o mundo natural” (Wulf, 2016, p. 17). Analisando esse trecho de seu livro é possível perceber como ele reconhecia a importância do trabalho de campo com objetivo bem delimitado, anseio de descobrir o mundo natural e os diversos conhecimentos advindos das experiências vivenciadas.

Outro geógrafo que se utilizou do trabalho de campo para realizar sua pesquisa foi Aziz Ab' Saber. Ele era um grande observador da paisagem desde quando era criança então voltou sua pesquisa para essa área tendo seu nome hoje conhecido pela classificação dos Domínios Morfoclimáticos. Em sua obra “Os Domínios de Natureza no Brasil, potencialidades paisagísticas” ele compartimenta todo o território brasileiro em seis domínios mais as faixas de transição sendo eles amazônico, cerrado, mares de morros, caatingas, araucárias e pradarias e destina um capítulo de seu livro para cada. Ele escreve características detalhadas sobre cada um, sobre os mares de morros “ Distribuição geográfica marcadamente sazonal. Área de mamelonização extensiva, afetando todos os níveis de topografia (de 10-20 metros a 1100-1300 metros de altitude no Brasil de Sudeste, mascarando superfícies aplainadas de cimeira ou intermontanas, patamares de pedimentação e eventuais terraços” (Saber, 2003, p. 16), e sobre os cerrados, pois ele menciona que sua origem foi o meio de processos naturais de velhos stocks florísticos (Saber, 2003, p. 36) e isso só foi possível, pois como Humboldt ele tinha objetivos de pesquisas

detalhados, fez anotações durante as viagens e posteriormente as sintetizou escrevendo seu livro. Em outras palavras, ambos fizeram o pré-campo, campo e o pós-campo.

Humboldt e Aziz, não conceituam trabalho de campo de modo direto, porém através de suas obras é possível perceber como essa ferramenta foi extremamente útil para ambos desenvolverem seus conceitos de isolinhas, isotermas e classificação do relevo. Foi o método de trabalho de campo bem utilizado que consolidou seus nomes como referência em suas áreas de pesquisas.

Ademais, com o passar dos anos o termo trabalho de campo ganha distintas definições por diferentes autores. “Trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelece uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social” (Deslandes, 1993, p. 61), para ela o campo surge como uma necessidade para explorar a refutação da hipótese do pesquisador. O campo é visto como um meio de conseguir respostas para a indagação anterior do pesquisador. Essa concepção de campo, segundo Scortegagna (2005), tem o caráter autônomo, pois o objetivo é preparar o estudante para sua realidade profissional futura. Deslandes (1993, p. 62) completa dizendo que o “trabalho de campo terá seu objetivo completado quando o pesquisador for capaz de confrontar suas teorias e suas hipóteses com a realidade empírica”.

Outra perspectiva é, “o trabalho de campo deve se basear na totalidade do espaço, sem esquecer os arranjos específicos que tornam cada lugar, cidade, bairro ou região uma articulação particular de fatores físicos e humanos em um mundo fragmentado, porém (cada vez mais) articulado. O trabalho de campo em Geografia deve perseguir, portanto, a ideia de particularidade na totalidade, abandonando de modo enfático a ideia de singularidade de lugares, cidades, bairros ou regiões (Serpa, 2006, p. 10).

A concepção de Serpa, assemelha-se na questão particularidade integrada à noção de natureza para Humboldt, haja vista, que ele conceitua o trabalho de campo com foco em especificidades para se fazer análises, porém essas não podem se divergir da parte do todo integrado. Além disso, ele reafirma que o “Trabalho de campo é instrumento para a superação dessas ambigüidades, não priorizando nem a análise dos chamados fatores naturais nem dos fatores humanos (ou antrópicos)” (Serpa, 2006), ou seja, é um ferramenta para se analisar o mundo podendo ser utilizado tanto para a parte física e humana.

Durante o trabalho de campo com foco em análise de solo, clima, temperatura, ou seja, os aspectos físicos é comum a utilização de instrumentos para se fazer as análises. Segundo Scortegagna (2005), se o foco for somente em aprender a utilizar os aparelhos esse constitui-se com caráter treinador, porém para se ter uma visão total dos acontecimentos ocorridos naquele local é necessário conversar com os moradores da região. A visão integrada das causas do desastre corrobora com que Serpa constituiu como trabalho de campo, pois a separação em fatores humanos e físicos só acontece na teoria. Como dito, a entrevista é um meio importante durante o campo, pois como concebe Deslandes observação e entrevista são instrumentos primordiais de “formas e técnicas de realizar o trabalho de campo: Enquanto a primeira é feita sobre aquilo que não é dito mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores” (Deslandes, 1993, p. 63). Além disso, quanto às entrevistas é válido mencionar que o pesquisador possui um papel significativo na coleta de dados, pois a depender do objeto de estudo, caso esse seja mais simples ou não, a maior parte das pessoas possuem receio de responder perguntas quando estão sendo gravadas ou se estão transcrevendo suas falas em sua presença.

Diante disso, para se ter dados mais precisos e detalhados a postura do pesquisador faz-se muito relevante, pois se o mesmo opta por escolher

uma entrevista semi-estruturada na qual ele irá conversar com o sujeito como conversaria com qualquer outra pessoa sem prancheta ou bloco de anotações as informações podem ser mais significativas. Porque as entrevistas são uma busca de informações pertinentes sobre determinado assunto pesquisado. Porém é válido ressaltar que existem diferentes tipos, como explica Deslandes (1993) como sondagem de opinião, semiestruturada, aberta ou em profundidade, focalizada e projetiva e a abertura do entrevistado tem a ser maior quando ocorre uma conversa e não uma lista de checagem.

“É preciso também ser consciente da importância fundamental do trabalho de campo para os geógrafos”. Lacoste (1977, p. 87) foi outro autor que reconheceu a importância do campo para a Geografia já que esse permite vivenciar saberes aprendidos nas aulas teóricas e fazer descobertas quando o pesquisador possui um objetivo. Diante disso, é válido reconhecer a importância do trabalho de campo para os geógrafos como disse Lacoste, mas também para os estudantes de Ensino Fundamental, Médio e Graduação, haja vista que é no campo que eles vão visualizar os fenômenos e fazerem considerações de acordo com a pergunta guia do professor. Machado (2003) disserta sobre a dificuldade de se realizar o trabalho de campo em escolas, pois faz-se necessário a autorização dos pais, três ou mais professoras para ajudar com a turma, o preço e ou o processo de espera para se conseguir ônibus na prefeitura da cidade para ir até o local do campo. Além disso, é válido ressaltar que trabalho de campo em escolas muitas das vezes é confundido com excursão ou visita técnica.

Como foi mencionado anteriormente para se constituir trabalho de campo principalmente nas escolas é necessário que o conteúdo tenha sido trabalhado em aulas teóricas, que os discentes saibam o que vão encontrar no campo, que tenham uma pergunta guia para se direcionar e posteriormente quando retornarem para a sala de aula que haja um pós campo, pois assim eles puderam compartilhar suas experiências e aprenderem juntos um com o outro. Essa forma de conceber campo se

encaixaria na perspectiva autônoma de Scortegagna (2005) já que seu objetivo é aproveitar os conhecimentos geológicos prévios, elaborar dúvidas e questões, estruturar hipóteses/sínteses e conhecimentos, reconhecer feições e fenômenos da natureza, desenvolver e exercitar habilidades e desenvolver atitudes e valores. Entretanto existem outras concepções de trabalho de campo, porém, as seguintes não aproveitam todos os objetivos já citados, como o trabalho de campo ilustrativo, indutivo, motivador, treinadora e investigativa. E nas excursões que são feitas geralmente ao final do ano tem o objetivo de levar os estudantes para conhecer um local novo, pois dado o período em que foi aplicado não haveria tempo hábil para se trabalhar o campo e o pós-campo.

Outro ponto negativo é que ocorre um esvaziamento desse recurso, pois o “trabalho de campo em Geografia requer a definição de espaços de conceituação adequados aos fenômenos que se deseja estudar” (Serpa, 2006, p.9) e quando é feito sem objetivo e tempo não ocorre. Machado (2003) divide o trabalho de campo em dois elementos sem o primeiro a observação e o segundo a síntese das informações coletadas em um relatório, isso ressalta porque excursões não são consideradas trabalho de campo.

Além de tudo, é inegável que o recurso trabalho de campo foi utilizado por diversos geógrafos como Humboldt, Aziz e distintos autores que reconhecem a sua importância e conceituam essa ferramenta. Assim sendo, faz-se necessário focar na utilização do trabalho de campo para os estudantes das escolas com planejamento e fazendo o pré-campo, campo e pós- campo, pois no primeiro momento o professor estará conceituando o tema de uma área da geografia, posteriormente, explicará para os estudantes sobre o campo mostrando para onde vão e o que os estudantes terão a responsabilidade de buscar respostas e de trazer novas perguntas que serão respondidas no pós-campo. Porque no campo, é o local onde surgem diversas indagações, se os estudantes forem motivados e esse é um dos melhores meios de realizar a prática (Tomita, 1992). Para isso, é

recomendável “colocar os alunos em situação de trabalho, seja individualmente ou em grupo. A proposta é levar o aluno diretamente ao campo, tomando como ponto de partida o conhecimento prévio, alimentado pela teoria e reforçado com a observação direta da realidade” (Tomita, 1992, p. 14 ).

A vista disso, colocar em prática o trabalho de campo pode parecer uma tarefa muito difícil e quase impossível para o professor conseguir abarcar todos os percursos do campo. Logo, ao invés de iniciar o uso dessa metodologia em uma outra cidade, o docente pode iniciar pelo bairro, praça ou museu perto da escola, pois também é trabalho de campo “ações cotidianas de observação e análise” (Mesquita, 2022, p. 483). Essa forma é válida porque como conceitua Luiza “é o trato direto do trabalho de campo que o aluno fará o aprendizado e passará a entender as contradições e o processo de apropriação da natureza, entendendo o porquê da dinâmica que ocorre no espaço” (Tomita, 1992, p. 14).

Também é vantajoso iniciar dessa forma, pois os estudantes estão aprendendo o que é trabalho de campo e como fazer, já que a aplicação não será nova só para o professor. Após o docente se sentir mais confiante em sair com os estudantes e os mesmos já tiverem entendido que trabalho de campo não é excursão é esperado que o “professor deve manter-se como elo de motivação e despertando o interesse dos alunos, discutindo e fazendo perguntas que aguçam a curiosidade, de tal forma que eles sintam a importância e a necessidade dessa atividade como complementação da aula teórica” (Tomita, 1992, p. 14), porque no pós-campo haverá relatório, socialização dos conhecimentos adquiridos e esclarecimento das dúvidas.

### **Considerações finais**

O foco do presente trabalho foi analisar as concepções do trabalho de campo para diferentes autores e descobrir se o mesmo ainda é necessário para a ciência geográfica. Durante a análise foi visto que Humboldt e Aziz

reconhecem a importância do trabalho de campo e utilizaram dessa ferramenta para criar suas teorias e essas são reconhecidas e relevantes até os dias atuais. Também existe Serpa que possui seu conceito de campo muito interligado ao de natureza de Humboldt, pois concebem o mundo como uma totalidade integrada e não fragmentada, sendo assim não, não podendo analisar somente uma vertente e descartar as demais.

As novas formas de se fazer trabalho de campo como satélites ainda necessitam de confirmação no campo, pois existem falhas e distorções principalmente em hidrologia que precisam de ajustes manuais. Também a depender do objetivo do trabalho de campo só se é possível realizar presencialmente, pois como postulado no caso de entrevistas as respostas são significativas quando não se possui um check list na frente do entrevistado.

Além disso, o campo nas escolas é primordial sendo feito de forma clara e objetiva, haja vista que trabalho de campo não é sinônimo de excursão e o primeiro necessita de um arcabouço maior de preparação e aplicação para se ter sua aplicação total de modo preciso e autônomo. Portanto, o trabalho de campo continua sendo fundamental para a ciência geográfica, pois são intrinsecamente ligados e não é possível fazer análises fragmentadas porque alteraria a própria noção do que se entende por geografia.

### **Referências bibliográficas**

WULF, Andrea. A invenção da natureza: A vida e as descobertas de Alexander Von Humboldt. Tradução: Renato Marques. São Paulo: PLANETA DO BRASIL LTDA, 2016. 774 p.

SABER, Aziz Ab'. Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 144 p.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa Social : Teoria, método e criatividade. Petrópolis : Vozes, 1993. ISBN: 978-85-326-4212-7. Disponível

em:  
<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PtUbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA61&dq=conceitos+de+trabalho+de+campo+&ots=5P5L7oG0SI&sig>

[=hbEOV7hkt4Khe7T0JNPVhZXGZA&redir\\_esc=y#v=onepage&q=conceitos%20de%20trabalho%20de%20campo&f=true](https://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/v1/pdf/v1/p036-043_scortegagna.pdf). Acesso em: 25 mai 23

SCORTEGAGNA, Adalberto. NEGRÃO, Oscar Braz Mendonza. Trabalhos de campo na disciplina de Geologia Introdutória: a saída autônoma e seu papel didático. [s. l.], p. 34-43, 2005. Disponível em: [.https://r.search.yahoo.com/\\_ylt=AwrEqjZ3fnNk9rQyVZbz6Qt;\\_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1685319416/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.ige.unicamp.br%2fterraedidatica%2fv1%2fpdf-v1%2fp036-043\\_scortegagna.pdf/RK=2/RS=sKaEgo\\_RlvrMB3Kxy9PWftU0nqA-](https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrEqjZ3fnNk9rQyVZbz6Qt;_ylu=Y29sbwNiZjEEcG9zAzEEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1685319416/RO=10/RU=https%3a%2f%2fwww.ige.unicamp.br%2fterraedidatica%2fv1%2fpdf-v1%2fp036-043_scortegagna.pdf/RK=2/RS=sKaEgo_RlvrMB3Kxy9PWftU0nqA-). Acesso em: 05 abr 2023

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. Boletim Paulista, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/725/608>. Acesso em: 25/05/23

MACHADO, Gilnei. Importância dos Trabalhos de Campo para os cursos de graduação em geografia – uma análise do caso da Unioeste - Francisco Beltrão. Importância dos trabalhos de campo para os cursos de graduação em geografia – uma análise do caso da Unioeste - francisco beltrão, Universidade Federal de Rio Grande, p. 9-27, 2003. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/831>. Acesso em: 25/05/23

MESQUITA, L. P. SANTOS, E. H. MOMOLI, A. C. KOZENIESKI, E. M. A Geografia reflete sobre o trabalho de campo? Análise sobre a produção geográfica brasileira em periódicos (2000-2020). Revista Formação (Online), v. 29, n. 54, p. 475-499, 2022. Revista Formação (Online) ISSN: 2178-7298. E-ISSN: 1517-543X . Acesso em: 24 mai 2023

TOMITA, Luzia M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia'. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia', [s. l.], p. 13-15, 1992. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UEL-7\\_ba91a4b6a877832be88f15593a3690d2](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/UEL-7_ba91a4b6a877832be88f15593a3690d2). Acesso em: 24 mai 2023

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos: Boletim paulista de Geografia, São Paulo, p. 77-92, 1977. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/729>. Acesso em: 25 mai 2023